



CALÍOPE

Presença Clássica

Dossiê sobre Xenofonte (separata 3)

2021.1 . Ano XXXVIII . Número 41

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Dossiê sobre Xenofonte
(separata 3)

organizadores do dossiê:
Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondareczuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Esttua de Xenofonte em frente ao parlamento austracio em Viena.

EDITORACAO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção

REVISÃO DE TEXTO
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Pedro Proscurcin Junior | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Como elogiar um rei espartano: distanciando Agesilau de Esparta no encômio de Xenofonte

Gabriel Cabral Bernardo

RESUMO

No último século, as obras de Xenofonte passaram por uma série de revisões, dentre elas as relacionadas à sua visão sobre Esparta. Contudo, enquanto a reavaliação de seus trabalhos históricos e filosóficos revelou um Xenofonte extremamente crítico de instituições e da conduta política espartana, o gênero encomiasta do *Agesilau* o manteve inexplorado quanto a essa temática. O objetivo desse estudo é mostrar que o encômio não é uma exceção à regra, mas que também contém críticas a Esparta em meio ao conteúdo dos elogios dedicados a Agesilau. Isso é feito pela contextualização desses em meio aos *topoi* associados a Esparta e aos espartanos durante seu período hegemônico, os mesmos que são denunciados anos a fio por Xenofonte e por outros autores contemporâneos a ele. Argumenta-se que o ateniense não só protege Agesilau desses *topoi* como também o distancia deles, caracterizando-o como alguém que assume o polo oposto dos comportamentos negativos atribuídos à *pólis* espartana e seus cidadãos. Dessa forma, é possível não só ver *Agesilau* como uma contraposição à ideia de que Xenofonte era um laconófilo acrítico, mas também como uma obra cuidadosamente pensada para atingir um objetivo apenas superficialmente simples: compor um elogio de um dos principais responsáveis pelas memórias negativas sobre a hegemonia espartana.

PALAVRAS-CHAVE

Xenofonte; Agesilau; Esparta; hegemonia.

SUBMISSÃO 21.4.2020 | APROVAÇÃO 14.8.2020 | PUBLICAÇÃO 28.8.2021

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i40.34151>

INTRODUÇÃO

J á foi relativamente normal que acadêmicos classificassem as obras de Xenofonte como “inferiores” às de seus contemporâneos. Seus escritos filosóficos, por exemplo, já foram relegados a um patamar muito inferior aos de Platão,¹ ao ponto de se afirmar que ele nem mesmo teria conhecido Sócrates o suficiente para aprender suas ideias e seu *modus operandi*,² Quanto ao seu trabalho historiográfico, esse já foi tido quase universalmente como menos confiável que o de Tucídides – ou mesmo que o de historiadores posteriores, como Diodoro Sículo.³ Boa parte dessas avaliações tinha como uma de suas bases a convenção de que Xenofonte havia sido, desde seus primeiros trabalhos, um apoiador acrítico de Esparta.⁴ Isso se deve a um conjunto de fatores, presentes tanto em sua obra quanto naquilo que se sabe sobre sua vida.

Um desses fatores é que as *Helênicas* de Xenofonte, que contam a história do final da Guerra do Peloponeso e das primeiras décadas do séc. IV,⁵ fazem-no em grande parte seguindo as ações espartanas.⁶ A *Anábase*, por sua vez, narra a ida à Mesopotâmia e retorno ao Helesponto de dez mil mercenários gregos, contratados pelo sátrapa Ciro em 401 para uma expedição (fracassada) contra Artaxerxes, seu irmão mais velho e Grande Rei da Pérsia. Nesse trajeto, Xenofonte descreve a atuação de vários espartanos, principalmente quando o exército chega na região dos estreitos entre o Mar Egeu e o Mar Negro, região esta controlada justamente por Esparta por meio de harmostas e navarcos.⁷ Tal expedição, bem como as dificuldades criadas por esses comandantes aos mercenários gregos, teriam sido responsáveis por colocar Xenofonte em contato direto com Esparta. Parte do corpo de mercenários, então sob o comando de Xenofonte, é contratada pelo espartano Tibron em 399 e empregada nas campanhas espartanas contra Tissafernes, sátrapa persa da Lídia e Cária. Esse corpo de mercenários acaba sob a liderança do rei espartano Agesilau, líder de campanhas no local entre 396 e 395. Xenofonte teria permanecido sob seu comando mesmo após o retorno do rei

à Grécia em 394 – um dos possíveis motivos pelo qual ele teria sido exilado de Atenas.

Xenofonte eventualmente se estabelece numa propriedade em Escilunte, na Élida, onde os espartanos o estabeleceram como “colonizador” (*oikisthentos*).⁸ Foi, teoricamente, a partir desse momento, enquanto ainda estava a serviço dos espartanos, que Xenofonte escreveu o único tratado sobre a constituição de Esparta que sobreviveu integralmente, a *Constituição dos Lacedemônios*. Nela, sua intenção fica clara desde o início: refletir sobre os motivos pelos quais Esparta, “sendo uma das *pólis* com menos homens, mostrou-se a mais poderosa e a mais famosa na Hélade”.⁹ Xenofonte ainda escreveria uma quarta obra, que teria um espartano em seu centro: um encômio ao rei Agesilau, provavelmente motivado por sua morte em c. 360.¹⁰

Todos esses trabalhos, bem como a falta de fontes seguras sobre sua vida, permitiram a modelagem da supracitada *persona* de Xenofonte como um apoiador irrestrito de Esparta. Tal *persona* seria responsável pela omissão e distorção de fatos históricos com o objetivo de criar uma imagem positiva de Esparta e de seus cidadãos.¹¹ Entretanto, desde a publicação do artigo de Leo Strauss sobre a *Constituição dos Lacedemônios*, deu-se início a um movimento que afirmaria praticamente o oposto. Segundo essa visão, Xenofonte empregava um estilo repleto de ironias para dizer exatamente o oposto do que o texto dizia na superfície.¹² Tal abordagem foi bastante criticada mais recentemente, sobretudo por dar espaço a saltos argumentativos grandes, a ponto de o “real” significado do texto acabar sendo qualquer um (geralmente, o pretendido pelo analista) exceto aquele que é depreendido mais facilmente.¹³ Ainda assim, o questionamento iniciado por Strauss reverbera em um novo modo de ler Xenofonte, um bem mais cético quanto ao amor irrestrito do ateniense por tudo que fosse relacionado a Esparta. Sendo assim, as *Helênicas* reemergem como um relato de erros estrondosos que levaram à derrota decisiva de Esparta na Batalha de Leuctra, em 371. A *Anábase* se revela como uma denúncia – ainda que bem atrasada – das condutas egoístas dos oficiais espartanos que atuaram na região do Helesponto. A

Constituição dos Lacedemônios, por fim, mostra-se de fato uma descrição menos elogiosa do que se esperava, principalmente quando comparada com as opiniões de Xenofonte expressas em outras obras.¹⁴

O *Agesilau* é, talvez, a única obra que permanece relativamente intocada nesse sentido – algo devido, provavelmente, ao seu gênero textual, que pressupõe o elogio como objetivo central, bem como a necessária manipulação dos fatos para atingi-lo.¹⁵ Por conta disso, o teor “filoespartano” do encômio não seria tão problemático, uma vez que o elogiado era rei de Esparta e, assim, seria esperado que elogios à sua cidade aparecessem. Isso fez com que as análises sobre o *Agesilau* se focassem em outras agendas de Xenofonte não relacionadas à sua opinião sobre Esparta. Como exemplo, talvez o mais explorado até o momento, seria sua aparente defesa da doutrina pan-helenista.¹⁶ Tais estudos são essenciais para a compreensão da obra, mas esse foco produziu um quadro um tanto inconsistente: enquanto as demais obras de Xenofonte se revelam críticas de Esparta e dos espartanos, o *Agesilau*, que trata especificamente de um espartano, permanece inócuo apenas por conta da sombra que seu gênero literário coloca sobre ele.¹⁷ Há, inclusive, quem veja um encômio à própria Esparta imiscuído ao elogio de Agesilau.¹⁸ A intenção desse estudo, portanto, é mostrar que Xenofonte, mesmo elogiando Agesilau, era capaz de apresentar críticas (não tão) implícitas aos espartanos – algo possivelmente necessário para o sucesso do encômio, dada a má fama mantida pelos espartanos depois do desmonte de sua hegemonia em 371.¹⁹ Pretende-se mostrar aqui que isso se deveu, no *Agesilau*, pelo distanciamento intencional entre o rei e alguns dos lugares-comuns geralmente associados a Esparta e aos espartanos, esses cunhados desde o final da Guerra do Peloponeso e potencializados pela hegemonia espartana das primeiras décadas do séc. IV.²⁰

Com esse objetivo em mente, a primeira seção discute os motivos pelos quais a formação de Agesilau não é relacionada a Esparta, em especial à sua educação icônica. As seções dois e três discutem como o *Agesilau* distancia seu elogiado do que Xenofonte

entendia como produtos negativos do estilo de vida exigido dos espartanos: da relação entre obediência e punição e do desrespeito pelas leis espartanas quando fora de Esparta, respectivamente. A quarta e última seção lida com a dissociação de Agesilau com um aspecto da má fama adquirida pelos espartanos durante sua hegemonia: a de cometer crimes contra os gregos em benefício dos persas, visando à manutenção dos privilégios obtidos desses últimos.

1 SEM EDUCAÇÃO?

Vale deixar claro, desde o começo, que, no *Agesilau*, há poucos indícios que atestam, direta ou indiretamente, alguma influência dos costumes e instituições espartanas na cunhagem do caráter “completamente bom” de Agesilau.²¹ Poderia ser dito que Xenofonte não apresenta as “raízes espartanas” de nenhum dos lacedemônios dos quais fala. Entretanto, tais raízes são esperadas no gênero literário ao qual o *Agesilau* pertence, principalmente no que se refere à *educação* do elogiado. Essa é, segundo a *Retórica* de Aristóteles,²² parte das circunstâncias que ajudam na persuasão do público sobre a qualidade dos feitos do sujeito da obra. Não é sem motivo que autores contemporâneos de Xenofonte seguem tal tendência,²³ o que torna minimamente intrigante que não haja nenhuma referência, no *Agesilau*, sobre a relação entre os feitos do seu elogiado e sua participação numa das educações mais comentadas da época.

Diego Palazzo apresenta uma explicação interessante sobre a ausência da famosa educação espartana no encômio. Antes é necessário dizer que Xenofonte, ao falar da linhagem de Agesilau (outro *topos* do gênero encomiasta), menciona a tradição de que os reis espartanos eram descendentes diretos de Hércules, os mesmos que mantiveram o trono espartano ininterruptamente até Agesilau assumi-lo.²⁴ Sabendo disso, Palazzo afirma que esse teor ininterrupto da realeza da família de Agesilau permitiu que Xenofonte não discorresse sobre a sua educação, uma vez que apenas os herdeiros diretos dos tronos espartanos não passavam

pela educação comum.²⁵ Dessa forma, o caráter do rei se devia mais às suas heranças “genéticas” do que à *paideía* espartana.

Não sabemos se a isenção dos sucessores reais da obrigatoriedade de participação na *paideía* comum era amplamente conhecida pelos leitores de Xenofonte, uma vez que ela só aparece em Plutarco.²⁶ Por um lado, se for esse o caso, ela pode revelar segundas intenções interessantes, principalmente pelo fato de que Xenofonte distorce a narrativa sobre a disputa de Agesilau pelo trono euripôntida. No *Agesilau*, a impressão que temos é que ele o disputava com alguém que tinha reivindicações igualmente justificáveis.²⁷ Isto é, como se o herdeiro direto de Ágis, ex-rei de Esparta e o irmão mais velho de Agesilau, tivesse a mesma reivindicação ao trono que Agesilau, que era apenas o segundo filho do falecido rei Arquídamo. Entretanto, Xenofonte deixa bem claras essas condições nas *Helênicas*, sendo Leotíquidas, filho e herdeiro de Ágis, aquele que herdaria o trono, não fosse a astuta interpretação de um oráculo por Lisandro, apoiador de Agesilau.²⁸ O importante aqui é que, nas *Helênicas*, fica evidente que Agesilau não era o herdeiro direto do trono de Arquídamo e que, portanto, provavelmente, passou pela *paideía* espartana. Portanto, se Xenofonte manipulou os fatos no *Agesilau* para sugerir que isso não aconteceu, é possível que ele estivesse, na verdade, tentando descaracterizar Agesilau como um espartano típico, que passou pela educação comum característica de Esparta. Por outro lado, se Xenofonte não pretendia, no *Agesilau*, dar essa impressão ao distorcer a história da disputa pelo trono, a omissão da educação espartana não é justificada na obra. Nesse caso, essa omissão intencional destaca ainda mais a relutância de Xenofonte em adicioná-la à construção positiva de Agesilau.

Mas por qual motivo existiria tal relutância? Afinal de contas, o próprio Xenofonte reconhece em sua *Constituição dos Lacedemônios* que a educação comum espartana, bem como as demais instituições que ela ensinava a respeitar, tiveram algum papel significativo na transformação de Esparta na cidade “mais poderosa e famosa na Hélade”.²⁹ Em primeiro lugar, considerar os contextos diferentes em que as duas obras foram escritas pode

fornecer uma explicação. A *Constituição dos Lacedemônios* foi, provavelmente, composta enquanto ainda se podia dizer que Esparta era a “mais poderosa e famosa”. Já o *Agésilau* foi escrito depois de Esparta ter perdido sua hegemonia na Batalha de Leuctra, em 371, tornando-se, desde então, um poder de segunda importância.³⁰ Nesse intervalo, a visão dos gregos sobre Esparta já se havia deteriorado muito, sobretudo pela posição politicamente agressiva que a *pólis* adotara nas últimas décadas de sua hegemonia.³¹ Dessa forma, se a educação espartana não é conectada ao caráter elogiado de Agésilau – como Plutarco não vê problemas em fazer quase cinco séculos depois³² – é possível que a intenção fosse a oposta, isto é, distanciar Agésilau da educação – e, portanto, do tipo de indivíduo que ela produzia.

Nesse sentido, há indícios de que, no raciocínio de Xenofonte, os conteúdos e métodos da educação comum espartana foram (ao menos em parte) responsáveis pelo mau comportamento dos espartanos que atuaram como comandantes no exterior, durante o período hegemônico de Esparta.³³ Isso pode ser depreendido da comparação entre a descrição de Xenofonte da *paideia* espartana, na *Constituição dos Lacedemônios*, e os métodos e conteúdos educacionais ideais mencionados em suas outras obras. Podemos notar, por exemplo, que, na *Constituição dos Lacedemônios*, um foco significativo é colocado sobre o ensino da obediência aos magistrados e às leis de Esparta. A título de exemplo, vemos um magistrado específico, o *paidonomos*, e seus assistentes “portadores de açoite” como responsáveis pelos grupos dos garotos mais novos, encarregado de puni-los por qualquer má conduta.³⁴ No caso desse estar ausente, qualquer cidadão que calhasse de estar perto também podia aplicar punições, caso testemunhasse algum comportamento considerado errado – sempre com a intenção de tornar os jovens os mais respeitosos (*aidemonesterous*) em relação aos governantes.³⁵ Esse programa, baseado principalmente na ameaça de punição, continuava por toda a vida dos espartanos, da adolescência à idade adulta.³⁶ A questão, entretanto, não é *se* esse objetivo era atingido – Xenofonte é bem claro que sim, ao menos em Esparta – mas sim *como* era atingido.

Noreen Humble, comparando a descrição da educação espartana na *Constituição dos Lacedemônios* com a da *Ciropeia*, em que Xenofonte, teoricamente, monta sua educação ideal, mostra, de modo convincente, que a primeira não consistia em um elogio irrestrito.³⁷ São vários os motivos elencados pela autora, mas aqui basta dizer que, para Xenofonte, a educação espartana atingia objetivos incompletos e pelos meios errados. A obediência supracitada aos governantes e às leis, por exemplo, era obtida por meio do ensino do *aidos*, o “respeito” que um indivíduo mantém por outro por este possuir um *status* especial aos olhos do primeiro.³⁸ Entretanto, como o próprio Xenofonte afirma na *Ciropeia*, a diferença entre o aprendizado mais apropriado da temperança (*sophrosyne*) e da justiça e a aprendizagem do *aidos* é que, enquanto as primeiras permitem que o indivíduo avalie as próprias ações consideradas e cerceie as erradas por si mesmo, o *aidos* requer a presença de algum tipo de vigilância externa para surtir o mesmo efeito.³⁹ Além disso, em Esparta, o *aidos* é ensinado não pela imitação ou observação de exemplos positivos, como acontece na Pérsia de Ciro,⁴⁰ mas, como vimos acima, pelo medo da punição. Esse mecanismo é o que torna necessária a vigilância constante, uma vez que as faltas precisam ser testemunhadas para serem devidamente punidas. Entretanto, o resultado dessa metodologia são indivíduos que, além de ligarem a desobediência à falta de punições e não à falta de exemplos positivos, não se sentem forçados a seguir as regras espartanas quando se encontram no exterior, afastados de sua vigilância.⁴¹ Assim, é possível dizer, como William Higgins o faz, que Esparta não ensinava “o valor da lei, mas apenas o medo dela. O espartano mais astuto e militarmente útil, na verdade, pode concebivelmente ser o homem mais injusto da cidade, contanto que suas perspicazes violações das leis permaneçam não detectadas”.⁴²

Não é sem motivo, portanto, que Agesilau não foi associado por Xenofonte à educação espartana: as características comportamentais dela resultantes não permitiriam que o *Agesilau* retratasse o líder próximo do ideal necessário ao encômio. Assim, é compreensível que a ascendência ininterrupta de Agesilau a

Hércules recebesse todo o crédito por sua “formação”. Contudo, Xenofonte toma mais cuidados do que apenas esconder a educação pela qual Agesilau passou: ele também procura distanciar o rei espartano das características resultantes dessas mencionadas acima. Em outras palavras, Xenofonte escolhe exemplos específicos para elogiar Agesilau de modo que ele seja distanciado, dentre outras coisas, da exigência de obediência por meio de punições e do cumprimento de regras e ação correta apenas enquanto se está sob vigilância. Tais características podem ser identificadas, em várias obras dos séc. V e IV, como motores de comportamentos reprováveis de comandantes espartanos atuando no exterior. Uma vez que Agesilau foi um desses comandantes, era necessário mais do que apenas não mencionar ações semelhantes, mas sim causar, deliberadamente, um afastamento delas. Veremos aqui que Xenofonte fez exatamente isso em relação a esses dois *topoi*. Portanto, abordemos primeiro o teor não violento de Agesilau e depois, a retidão mantida pelo rei, mesmo quando este não estava sob a vigilância espartana.

2 OBEDIÊNCIA E VIOLÊNCIA

Já vimos que, para Xenofonte, a metodologia espartana de ensino da obediência e do respeito incluía, principalmente, a ameaça de punição (incluindo a física). Tal método, quando aplicado por espartanos sobre outros gregos, pode ter sido responsável pelo *topos* do espartano violento, que *impunha* disciplina a seus comandados e aliados por meio de punições físicas e do medo por elas criado.⁴³

Esse *topos* aparece, ao menos, desde Tucídides, em cuja narrativa já é possível identificar espartanos demasiadamente autoritários enquanto comandantes no exterior. O primeiro deles é o próprio Pausânias, regente espartano e general do exército grego na vitória contra os persas na Batalha de Plateia, em 479. Esse mesmo indivíduo, enquanto comandava incursões gregas contra Chipre e Bizâncio em 478, foi acusado de manter um comportamento violento (*biaion*) para com seus comandados. Tal

comportamento, caracterizado por uma “raiva tão rude” (*orge houto kbalepe*) que, além de impelir os aliados gregos a requisitarem que os atenienses assumissem a liderança, parecia, segundo Tucídides, “mais a mimese de um tirano do que de um generalato”. Isso foi o suficiente para produzir ódio (*misos*) nos aliados e render a Pausânias uma segunda expulsão de Bizâncio – para onde ele fora uma segunda vez, mas não como oficial espartano.⁴⁴

Vale notar que essa sucessão de eventos do começo do séc. V foi provavelmente redigida por Tucídides no final do mesmo século, pelo menos 70 anos depois. Ou seja, é possível que a narrativa de Pausânias seja um reflexo (e talvez por isso verossímil aos leitores de Tucídides) de vários exemplos do modo como outros comandantes espartanos atuaram ao final do séc. V – sendo um de seus traços a violência, que recorre em outros momentos da *História da Guerra do Peloponeso*. Tucídides nos fala, por exemplo, do governo “rude” (*kbalepos*) e “não belo” (*ou kalos*) dos magistrados enviados para a colônia espartana de Heracleia Traquínia em 426. Esse mesmo comportamento foi o responsável por ter assustado (*ekphobesantes*) os habitantes da cidade, causando seu eventual abandono.⁴⁵ Os comportamentos dos espartanos Polidâmidas e Astíoco fornecem informações mais claras sobre o tipo de comportamento testemunhado pelos comandados de Pausânias e pelos colonos de Heracleia Traquínia.

Polidâmidas, comandante espartano de um grupo de soldados siciônios e peloponésios aquartelados em Mende, é descrito atuando na defesa da cidade contra um ataque das tropas do ateniense Nícias, em 423. Ao tentar organizar uma investida contra os atenienses, Polidâmidas encontra resistência num grupo da facção democrática de Mende, que se recusa a sair das muralhas. O espartano agride um dos membros do grupo, o que acaba tendo o efeito oposto do pretendido: ao invés de se sentirem compelidos a se juntarem à investida, os democratas acabam perseguindo Polidâmidas e seus homens até a acrópole da cidade.⁴⁶ Já Astíoco, comandante da frota peloponésia ancorada em Mileto em 411, é perseguido por marinheiros siracusanos e turiatas de seus próprios navios. Segundo Tucídides, Astíoco teria respondido

brutalmente e ameaçado agredir o porta-voz dos marinheiros com seu bastão apenas porque esses decidiram cobrar dele seus soldos atrasados.⁴⁷

Ainda mais espartanos aparecem protagonizando atos de violência em nome da obediência após a Guerra do Peloponeso, sendo o próprio Xenofonte uma ótima fonte de exemplos. Na *Anábase*, o ateniense descreve com algum detalhe as ações de vários espartanos, oficialmente ligados ou não a Esparta. Um deles é Clearco, exilado justamente por desobedecer a ordens diretas de Esparta enquanto estava no exterior.⁴⁸ Dados os objetivos do estudo, é digno de nota o modo como ele obtinha obediência do contingente de mercenários sob seu comando, esse contratado por Ciro em 401. Xenofonte afirma que, para Clearco, um exército indisciplinado (*akolastou*, literalmente “sem punição”) não era de ajuda alguma, e que era “necessário ao soldado temer (*phobeisthai*) mais o comandante do que os inimigos”⁴⁹ – talvez o mesmo raciocínio dos comandantes de Heracleia Traquínia. Assim, através do medo de serem punidos (*timorian phobeisthai*), Clearco conseguia manter seus soldados em boa ordem – mas apenas enquanto eles *precisam* se manter sob seu comando, pois, assim que podiam, desertavam para contingentes de outros comandantes, para algum que não fosse sempre tão rude (*kbalepos*) quanto Clearco.⁵⁰ Esse *modus operandi* é exemplificado uma vez no resto da *Anábase*, mas ainda vemos Clearco tentando forçar seus homens a avançar quando estes se recusam – e, assim como Polidâmidas e Astíoco, quase sendo morto por isso – e açoitando um mercenário de outro exército ao julgá-lo culpado numa disputa, o que quase causa uma guerra interna no exército de Ciro.⁵¹

Clearco é talvez o exemplo mais emblemático do que Xenofonte acreditava que acontecia quando um espartano, atuando no exterior e liderando outros gregos, tentava obter obediência e disciplina por meio de punições, geralmente físicas. Além de compor uma liderança frágil, da qual os homens se livram assim que têm oportunidade, esse método colocava em risco não só o comandante em questão, mas também os próprios objetivos da empresa. O mesmo acontece quando Quirísofo (comandante

espartano dos agora ex-mercenários de Ciro, durante sua marcha de volta à Grécia) agride o guia do exército. O indivíduo foge durante a noite e deixa Quirisofo e seus homens perdidos em meio às montanhas nevadas da Armênia.⁵² Há ainda outros exemplos nas *Helênicas*, mas sua listagem aqui só serviria para confirmar o que já foi demonstrado.⁵³

Por mais que sejam pontuais e não uma regra infalível, eram provavelmente exemplos como esses que o leitor antigo do *Agésilau* teria em mente ao ler o encômio ao rei espartano. Talvez, por esse motivo, Xenofonte dedica boa parte da obra ao distanciamento do seu elogiado desse tipo de conduta: o seu Agésilau não reivindica obediência por meio da compulsão ou punições físicas, mas por exemplos positivos, visando à obediência voluntária.⁵⁴ Obviamente, nem todas as ações e qualidades de Agésilau, ao menos dentre as utilizadas para alcançar esse retrato, referem-se ao oposto de exemplos negativos dos espartanos. O respeito pelas tréguas firmadas, por exemplo, é colocado como reflexo da piedade (*eusebeia*) de Agésilau, algo que produz confiança em sua palavra tanto em aliados quanto em inimigos⁵⁵ – o que os torna mais suscetíveis a mudar de lado quando em guerra. Também, além de inspirar seus soldados, Agésilau demonstrava resistência (*karteria*) para mostrar como ele, enquanto comandante, podia superar (*perieinai*) os soldados comuns – e, assim, provar que era digno do respeito deles.⁵⁶

Não é possível encontrar nas fontes exemplos de espartanos que atuassem no sentido oposto dessas virtudes. Parece que os espartanos, assim como outros gregos, respeitavam juramentos e tréguas como um contrato que precisava ser cumprido, mesmo que isso causasse prejuízos.⁵⁷ Quanto à inspiração e à demonstração de resistência, é improvável que qualquer comandante, deliberadamente, tentasse desestimular seus soldados ou mesmo se mostrar frágil diante deles. Na verdade, há exemplos de espartanos que seguem o exemplo de Agésilau, como seu meio-irmão Teleutias faz ao se tornar navarco em 388.⁵⁸ Ainda assim, isso não é observado em espartanos suficientes para que

arrisquemos afirmar que tais ações podem ser tomadas como *topoi* ligados a eles.

Um contraste mais claro entre Agesilau e os exemplos supracitados de liderança pela punição aparecem em outro traço: o modo como o rei tratava seus aliados e inimigos. Quanto aos aliados, os exemplos de violência descritos acima, perpetrados por espartanos, impressionam por terem sido direcionados a amigos ao invés de oponentes – não sendo sem motivo que tiveram o resultado oposto do pretendido. Por outro lado, Agesilau se mostrou bem-disposto (*prothymos*) em relação aos seus companheiros e amigos, obtendo a obediência e amizade dos soldados sob seu comando. Ele também é descrito tratando seus aliados do modo oposto como tratava seus inimigos,⁵⁹ o que não lhe impedia de tratar mesmo seus inimigos e prisioneiros com gentileza (*praoteti*), na esperança de conquistar seu apoio pacificamente.⁶⁰ Essa abordagem é, de fato, muito diferente da dos comandantes espartanos mencionados acima, que obtiveram o comportamento exatamente contrário ao pretendido pelo Agesilau de Xenofonte.⁶¹ Inclusive, vale notar aqui o contraste entre a política de Agesilau para conquistar apoio e a do navarco Álcidas, comandante espartano da frota peloponésia em 427. Tucídides nos diz que Álcidas assassinou a maior parte dos prisioneiros de Quios que tinha em seu poder, e só foi impedido de terminar o serviço pela advertência de enviados sâmios, que lhe disseram que isso só renderia mais inimigos a Esparta ao invés de cooptar aliados de Atenas – aparentemente, pelo medo.⁶²

Sendo assim, não é sem motivo que Xenofonte se esforçou para mostrar que a obediência dada a Agesilau por seus comandados – nem todos espartanos – foi conquistada por meios bem diferentes dos de Polidâmidas, Clearco ou Álcidas. Os homens de Agesilau, gregos e bárbaros que o seguiram em sua marcha para a Grécia quando este é convocado de volta em 394, não o fizeram por medo nem sob ameaças, mas voluntariamente e cientes do risco.⁶³ De fato, algo bem diferente de ser perseguido por seus próprios soldados até um refúgio inseguro.

3 FORA DE CASA

Como vimos acima, para Xenofonte, a educação espartana assegurava a obediência pela ameaça de punição. Esse método, entretanto, só funcionava quando o indivíduo se encontrasse num espaço onde havia a vigilância perene de magistrados e de seus próprios pares, de modo que suas faltas podiam ser testemunhadas e punidas devidamente. A consequência disso é que, uma vez fora de Esparta, seus cidadãos se sentiam confortáveis em se comportar como quisessem.

Ainda que esse quadro pareça ter sido pintado primeiramente por Xenofonte (isso é, sendo ele o primeiro a conectar tal comportamento ao tipo de educação recebido em Esparta), a desobediência espartana no exterior aparece descrita já em Tucídides. O historiador relata que já em 432/1 uma embaixada ateniense teria afirmado que todos os espartanos, ao saírem de Esparta, não respeitavam nem as leis da própria cidade nem as de qualquer outro lugar da Hélade.⁶⁴ Já vimos que os exemplos de Pausânias e dos governadores de Heracleia Traquínia fornecem a substância de tais afirmações, estas que não parecem ter perdido sua validade no séc. v. O próprio Xenofonte, inclusive, pinta um quadro semelhante e complementar:

Pois sei que se antes os lacedemônios preferiam mais ficar junto uns dos outros em casa com moderação do que ser harmostas nas *pólis* [do exterior] e ser destruídos pela bajulação. E sei que antes eles temiam se mostrar possuindo ouro, agora há aqueles que se gabam do que possuem. Também sei que antes aconteciam expulsões de estrangeiros e que viver no exterior não era permitido, isso a fim de que os cidadãos não fossem preenchidos pela autoindulgência dos estrangeiros. Agora sei que os considerados primeiros [dentre os cidadãos] são os mais empenhados em nunca cessar de ser harmostas no exterior.⁶⁵

Ou seja, se antes Esparta expulsava estrangeiros, agora os próprios espartanos ansiavam por sua companhia – isso a ponto de Dercíidas, um harmosta espartano, ser classificado por Xenofonte como um “amante de viagens” (*philapodemos*).⁶⁶

De qualquer forma, há uma diferença entre o séc. v de Tucídides e o iv de Xenofonte, mas que acaba complementando ambos os cenários. A desobediência das leis (*nomima*) de Tucídides aponta para um teor mais político do comportamento dos espartanos no exterior, isto é, sobre o modo como conduziam os negócios para os quais eram enviados. Nesse sentido, vimos que a violência e o autoritarismo eram parte desse comportamento. Um complemento é fornecido por Xenofonte, que parece se referir a aspectos de cunho moral, ou seja, relacionados ao comportamento privado que espartanos adotavam enquanto atuavam no exterior. Entretanto, isso não quer dizer que o teor legal esteja ausente nos espartanos de Xenofonte nem que o teor moral esteja ausente nos espartanos de Tucídides.

Se tomarmos novamente o exemplo de Pausânias, vemos uma corrupção significativa em seu caráter, principalmente a partir do momento em que ele entra em contato com o Grande Rei, tendo em vista uma troca de favores políticos a fim de tomar para si o “governo (*arkhes*) da Hélade”.⁶⁷ A partir desse momento, Pausânias adota vestes medas, guarda-costas medos e egípcios, uma mesa persa e se torna de difícil acesso.⁶⁸ Xenofonte, por sua vez, fala de comandantes como Tibron.⁶⁹ Este, responsável pela campanha contra o persa Estrutas em 391, conduzia saques de maneira desordenada e displicente, além de se “entreter” com um tocador de flauta laconófilo após o café da manhã.⁷⁰ Esses casos, que servem como exemplificações da autoindulgência (*rhadiourgia*) mencionada por Xenofonte,⁷¹ são contrastantes com as qualidades atribuídas a Agesilau em seu encômio. Este, além de respeitar as ordens recebidas de Esparta e nunca ter tentado tomar mais poder do que o devido a um rei, mantinha um estilo de vida simples, era acessível, praticava o autocontrole também fora de Esparta e tomava as precauções necessárias quando em campanha.⁷²

Ainda em relação à simplicidade do estilo de vida mantida por Agesilau, tanto dentro quanto fora de Esparta, um comentário em seu encômio pode dar indícios de que ela o distanciava de outra ação negativa, também atribuída a vários comandantes espartanos no exterior. Essa simplicidade encontrada no *Agesilau*,

vale dizer, também era um *topos* associado ao estilo de vida exigido dos espartanos,⁷³ mas não pelos mesmos motivos que são associados a Agesilau. De um lado, a frugalidade cotidiana espartana era entendida, aparentemente, como uma cosmética que maquiava desigualdades internas ao corpo cívico espartano e, assim, mitigava a possibilidade de conflitos internos motivados pela inveja.⁷⁴ Por outro lado, a justificativa apresentada para a simplicidade de Agesilau é outra: o rei teria ajustado seu estilo de vida à sua renda, de modo que evitava ser compelido a “cometer injustiças por dinheiro”.⁷⁵ Aqui, vale ressaltar duas coisas. A primeira delas, bem notada por Stephen Hodkinson, é que a simplicidade de Agesilau e sua justificativa são apresentadas como características *privadas* do rei, isto é, não são postas como traços coletivos de espartanos.⁷⁶ A segunda é que é possível entrever, nessa passagem, outro distanciamento de Agesilau de mais uma acusação geralmente direcionada aos espartanos da hegemonia: a ganância, que os levava a usar suas posições de poder para obter ganhos privados.

Xenofonte nota, na passagem citada acima, que as limitações suntuárias, assim como outras medidas que dificultavam a aquisição e uso de metais cunhados,⁷⁷ não foram suficientes para eliminar o *desejo* por riquezas dos espartanos. Afinal de contas, como já foi deixado bem claro pelos acadêmicos modernos, a riqueza provavelmente desempenhou, desde sempre, um papel significativo no cotidiano espartano.⁷⁸ Como argumentei em outro estudo, a riqueza em Esparta podia ser transformada, de diversas maneiras, em capital social. Esse capital, por sua vez, podia ser investido de diferentes formas, dependendo do objetivo que se tivesse em mente – desde a conquista de um contrato de casamento economicamente mais vantajoso até a obtenção de uma indicação a um posto de comando no exterior. Essa última opção, mais especificamente, provia seus agraciados de mais oportunidades de conquistar tanto mais capital social – por meio de seus feitos enquanto comandante – quanto mais riquezas – fosse na forma de subornos, “presentes” ou quaisquer outros tipos de acordos extraoficiais. Qualquer que fosse o caminho escolhido,

o capital adquirido no exterior reiniciava o ciclo quando empregado em Esparta.⁷⁹ Ou seja, o ganho, fosse em recursos econômicos ou sociais, não estava realmente separado da crítica veiculada por Xenofonte aos anseios espartanos por comandos no exterior. Veremos, mais adiante, que essa crítica aparece também n o *Agesilau*, mas antes é necessário elencar alguns exemplos de como os espartanos deram substância às acusações de perseguir ganhos injustos.

O exemplo de Pausânias já foi capitalizado em demasia aqui, de modo que é profícuo buscar outros casos. Heródoto registra que o rei Leotíquidas, ao liderar uma campanha na Tessália em c. 478, ao invés de a submeter, teria aceitado subornos para não fazê-lo. Pego em flagrante, ele é julgado em Esparta e exilado.⁸⁰ O mesmo teria acontecido com o rei Pleistoánax, em 445: liderando um exército peloponésio contra a Ática, ele não vai além de Elêusis, o que lhe rende o exílio sob suspeita de ter sido subornado para recuar.⁸¹ Pasípidas também é exilado após ser acusado de trabalhar junto a Tissafernes, o sátrapa persa, para que a ilha de Tasos se rebelasse em 410 contra os seus partidários espartanos.⁸² Acusações não seguidas de investigação também abundam no séc. v. Timeu afirma que Gílipio foi acusado de ganância (*pleonexia*) enquanto liderava a resistência siracusana contra os atenienses entre 415 e 413 – seguindo o exemplo de seu pai, Cleândridas, que fugiu de Esparta após ter sido acusado de receber “presentes” (*doron*).⁸³ Astíoco é acusado de ceder aos impulsos de Tissafernes em nome do ganho privado (*idia kerde*) em 411.⁸⁴ Durante a hegemonia espartana, Xenofonte acusa Anaxíbio e Aristarco (navarco e harmosta de Bizâncio em 400 e 399, respectivamente) de agirem contra os ex-mercenários gregos de Ciro em troca de favores do sátrapa persa Farnabazo em 400/399.⁸⁵ Esfódrias é julgado em Esparta por sua tentativa de agressão gratuita a Atenas em 378, sendo que uma das aparentes acusações era de ter recebido dinheiro para levá-la a cabo.⁸⁶

Sejam essas acusações reais ou não, tais exemplos deixam claro que espartanos aceitando subornos são um elemento regular na historiografia grega ao menos desde o séc. v. Assim, não é sem

motivo que Xenofonte tenha se esforçado para distanciar Agesilau desse traço. O rei não só é descrito pontualmente como oposto a qualquer tipo de ganho por meios vergonhosos e injustos, mas também recebe uma seção dedicada exclusivamente à justiça com a qual tratava questões financeiras.⁸⁷ Não há, ao menos que eu saiba, nenhum outro encômio que escolhe uma virtude tão específica para caracterizar seu elogiado. Isso é, por si só, significativo, como se Xenofonte estivesse cobrindo uma área que sabia que seria questionada por seus leitores. E ele faz isso bem: Agesilau emerge do capítulo 4 do encômio não só como aquele que não cobiça mais riquezas porque não precisa delas, mas como aquele que prefere conceder as que possui a seus amigos. O rei não só retribuía suas dívidas de gratidão com mais do que recebeu, mas tomava menos do que lhe era de direito. O capítulo acaba com uma comparação extremamente oportuna, dado o que foi exposto acima. O sátrapa Titraustes teria tentado suborná-lo com vários “presentes” para que ele e seu exército deixassem seu território, mas Agesilau respondeu o seguinte: “Ó Titraustes, entre nós considera-se mais belo ao comandante enriquecer seu exército ao invés de si mesmo, e tentar tomar espólios ao invés de presentes dos inimigos”.⁸⁸ Ou seja, Agesilau não só é correto de um jeito que vários espartanos não foram, mas ainda fazia o oposto deles: enriquecia seus amigos ao invés de si mesmo, e não por meio de subornos, mas de ganhos tomados “belamente”.⁸⁹

Temos, portanto, um rei que, ao contrário de vários de seus conterrâneos, mantém um bom comportamento mesmo estando no exterior e que não age em proveito próprio. Ele, na verdade, vai além disso: mantém virtudes que não eram nem ensinadas aos espartanos e ainda enriquece seus amigos ao invés de si mesmo. Tal distanciamento de *topoi* conectados aos espartanos, entretanto, de nada adiantaria se Agesilau não fosse distanciado do que de negativo se pensava sobre Esparta em si. Refiro-me, mais especificamente, às críticas à sua política hegemônica agressiva e à sua parceria com os persas, motivadores dos mais negativos dos ataques à Esparta e aos espartanos – dentre eles, Agesilau.

4 FILELENO E MISOPERSA

Como LaForse bem nota, o elogio da carreira de Agesilau em seu encômio é extremamente seletivo: o foco principal é sobre sua expedição na Ásia, que ocupou apenas três (de 396 a 394) de seus quase 40 anos de reinado.⁹⁰ Os únicos outros episódios mencionados são a Batalha de Coroneia, em 394, algumas expedições de saque e ações militares inespecíficas contra Corinto, Tebas e Fliunte, sendo interessante o modo como essas últimas são apresentadas.⁹¹ Xenofonte afirma que as intervenções nas três cidades foram devidas ao “companheirismo” (*philetairia*) de Agesilau, que pretendia restaurar a elas cidadãos antes exilados por suas simpatias com os espartanos.⁹² Não importa aqui que Xenofonte distorceu a real motivação dessas empresas,⁹³ mas sim que Xenofonte tinha consciência de que seus leitores julgariam Agesilau por elas – ele mesmo afirma que se poderia “censurar (*memphetai*) essas coisas por algum outro motivo”. O ponto aqui é que esse “outro motivo” explica vários outros dos elogios direcionados ao rei no *Agesilau*.

O próprio Xenofonte, assim como vários outros autores antigos, reconhece que a Esparta posterior ao fim da Guerra do Peloponeso usou sua supremacia para perseguir objetivos próprios – isso é, para assegurar sua hegemonia na Grécia a despeito dos interesses de outras cidades. Nas *Helênicas*, o próprio Xenofonte afirma que, depois da vitória na Guerra do Peloponeso, os espartanos, por conta de animosidades anteriores, declaram guerra contra Élis sob o pretexto de tornar as cidades da Élide autônomas.⁹⁴ Em c. 401, no segundo e último ano da guerra, o saque do território Élis é caracterizado como um “aprovisionamento” (*episitismos*) de todo o Peloponeso, um saque tão rico a ponto de atrair arcádios e aqueus interessados no butim.⁹⁵ Outros ressentimentos impelem Esparta à guerra contra Tebas em 395, que só acaba quando Antálcidas consegue o apoio persa e, assim, força atenienses, coríntios, argivos e tebanos a assinar a chamada “Paz do Rei” em 386.⁹⁶ Esse tratado, como o próprio Xenofonte diz, deixou Esparta em uma ótima posição. Em troca do controle das cidades gregas na Ásia Menor, os persas

colocam Esparta como a responsável por assegurar que as cidades da Grécia Continental permanecessem autônomas – inclusive as da Beócia, até então controladas por Tebas.⁹⁷

Não demora muito para que Esparta (novamente) usasse sua posição de poder para castigar aqueles que haviam sido hostis a ela na Guerra Coríntia. Mantineia é derrotada em 385 e seus habitantes são forçados a se espalhar em aldeias menores, proibidos de viver juntos novamente.⁹⁸ O espartano Fêbidas, encarregado de marchar com um destacamento para Olinto em 382, é convencido por um beócio a capturar a acrópole de Tebas e a estabelecer ali um regime oligárquico. Ele chega a ser acusado em Esparta, mas as aparentes vantagens de suas ações falam mais alto e Esparta decide manter o controle da acrópole.⁹⁹ Agesilau sitia Fliunte por cerca de dois anos, vencendo-a pela fome em *c.* 379 apenas para reinstalar um grupo de exilados. Esfódrias, harmosta de Téspia, é convencido a tentar tomar o Pireu ateniense em 378. O ataque injustificado fracassa e ele é julgado em Esparta, mas acaba sendo inocentado graças a maquinações internas em Esparta – que, apesar de pouparem a sua vida, impelem Atenas a uma nova guerra contra Esparta ao lado de Tebas.¹⁰⁰ Essa nova guerra, chamada Guerra Beócia, é decidida na Batalha de Leuctra, em 371, da qual Esparta só conseguiria se reerguer pelo menos um século e meio mais tarde.

Ou seja, pode-se dizer que, nos dois períodos em que Esparta manteve a hegemonia indisputável da Grécia Continental (de 404 a 395 e de 386 a 378), essa posição foi utilizada para resolver disputas anteriores e enfraquecer potenciais competidores pela mesma hegemonia. Isso sempre com o discurso de tornar todas as cidades gregas autônomas – mas, ao mesmo tempo, estabelecendo harmostas e governos amigos nessas mesmas cidades. Obviamente, essa incongruência não passou despercebida pelos gregos. Se pudermos confiar nos discursos reportados por Xenofonte, vemos as ações espartanas pintadas como não só tirânicas, mas também responsáveis por antagonizar aliados.¹⁰¹ Isso fica ainda mais claro nos discursos contemporâneos de Isócrates, que denuncia as ações de Esparta como crimes e

prejuízos deliberados contra o resto dos gregos.¹⁰² Para piorar ainda mais o quadro, podia-se incluir em tais acusações as alianças entre Esparta e os persas. Elas não só forneceram as condições para que Lisandro acabasse com a Guerra do Peloponeso e Antálcidas, com a Guerra Coríntia, mas também patrocinaram a “Paz do Rei” que manteve Esparta como sua executora.¹⁰³ Não é sem motivo que os espartanos receberam então a alcunha de prejudicarem os gregos em favor dos persas – ou em favor das vantagens que tal amizade lhes provia.¹⁰⁴

Também, desses pontos negativos, Xenofonte toma cuidado de distanciar Agesilau o máximo possível: o foco da narrativa de sua carreira é descrito como uma ação puramente filelênica. A expedição do rei à Ásia, a mais detalhada dos dois primeiros capítulos do *Agesilau*, é descrita como sugerida pelo próprio euripôntida, além de ter sido motivada por sua vontade de vingar as invasões das Guerras Persas e proteger a Grécia, mas combatendo no território inimigo e fazendo-o pagar pela guerra.¹⁰⁵ Nas *Helênicas*, Xenofonte descreve uma motivação muito mais pessoal, principalmente por parte de Lisandro, o real idealizador da empreitada.¹⁰⁶ Ou seja, a seleção dos feitos de Agesilau e a distorção das motivações de sua ida à Ásia, além de anularem a imagem de “amigo dos persas” criada pelos críticos de Esparta, também o colocam no outro extremo, no posto de herói pan-helenista.¹⁰⁷ Suas ações não são apenas condicionadas pela sua intenção de auxiliar os gregos,¹⁰⁸ mas também pela de combater o Grande Rei.¹⁰⁹ Inclusive, mesmo a expedição que Agesilau empreendeu como mercenário no Egito em c. 360 é pintada como uma empresa antipersa, que visava à libertação de gregos na Ásia e à punição por hostilidades passadas.¹¹⁰

É necessário notar que esse último objetivo, o de pintar o rei espartano como benfeitor dos gregos e hostil aos persas, é veiculado no *Agesilau* por meio de vários elementos da retórica pan-helenista. Não vale a pena discutir isso a fundo aqui, uma vez que, como já foi dito, esse foi talvez o aspecto mais estudado da obra. Basta dizer que o pan-helenismo presente no *Agesilau* apelava à nostalgia e ao emocional grego, recorrendo não só à memória das

vitórias nas Guerras Persas, mas também ao seu discurso oriundo da superioridade grega em relação aos bárbaros.¹¹¹ Tal contraste, materializado na comparação entre as virtudes de Agesilau e os defeitos do Grande Rei,¹¹² mostra-se um caminho seguro para ofuscar qualquer acusação de amizade com os persas, ainda mais em detrimento do bem-estar de gregos. Na verdade, ele atua no sentido contrário: Agesilau emerge dessa retórica como um fileleno e um misopersa.¹¹³

CONCLUSÕES

O *Agesilau*, talvez por conta da sombra que seu gênero literário põe sobre ele, foi a obra menos iluminada pelas observações mais recentes em relação à ideia que Xenofonte constrói sobre Esparta. Creio ter sido possível demonstrar aqui que o *Agesilau* não é apenas um panfleto pan-helenista ou um elogio irrestrito a um espartano. Tal obra, na verdade, faz um esforço significativo para distanciar seu elogiado de alguns dos principais *topoi* negativos associados a Esparta e aos espartanos, principalmente entre o final do séc. v e meados do séc. iv. Obviamente, questões de espaço impedem que se faça uma análise minuciosa da obra por esse ponto de vista, mas alguns pontos de relevância sobre essa hipótese foram levantados.

Vimos que Agesilau não é, em nenhum momento, conectado à icônica educação comum espartana, apesar de provavelmente ter passado por ela. Isso se deve, provavelmente, à tentativa de Xenofonte de distanciar o rei espartano de alguns comportamentos negativos que, para o ateniense, eram derivados de deficiências na *paideia* espartana. Um desses traços é a associação entre a reivindicação de obediência e o medo de punição, demonstrado por vários espartanos que atuaram como comandantes no exterior. O Agesilau de Xenofonte não só se mostrou um líder pelo exemplo, mas também se distanciou de alguns de seus conterrâneos pela gentileza com a qual tratava seus amigos e inimigos. Um segundo traço notado é que Agesilau, diferentemente dos outros espartanos, quando esteve fora de

Esparta, não se evadia das leis que deveriam regular a vida dos lacedemônios a todo momento. O rei não utilizava sua posição de poder para conquistar riquezas proibidas em Esparta, pelo contrário: fazia muito mais do que o oposto disso: voluntariamente, ele se impunha um estilo de vida simples e, sempre que se deparava com uma oportunidade de enriquecimento, ele a dirigia a seus amigos e aos justos. Por fim, vimos que Xenofonte, ciente das várias críticas direcionadas não só aos espartanos individualmente, mas também às escolhas políticas espartanas, manipulou sua narrativa no *Agesilau* de modo a construir a antítese das repreensões. O elogiado, além de repudiar a amizade com os persas, sempre buscou atuar como um benfeitor dos gregos como um todo – se foi obrigado a fazer o contrário, foi pela necessidade de proteger a própria pátria ou seus amigos.

Seria difícil compor um elogio de Agesilau, em plena década de 350, sem lidar com a memória que se mantinha sobre a mão pesada (e financiada pelos persas) com a qual Esparta conduziu a política grega por, pelo menos, três décadas. Sendo assim, creio que é possível entrever, entre algumas das passagens do *Agesilau*, tentativas deliberadas de distanciar o elogiado não só da semelhança com alguns de seus conterrâneos, que atuaram na mesma época que ele, mas também da responsabilidade por decisões espartanas das quais o próprio rei teria participado ou apenas levado a cabo. De qualquer forma, os conteúdos do *Agesilau* extrapolam em muito os limites do gênero encomiasta e, aparentemente, é construído com múltiplos objetivos, uns relacionados a Esparta e outros não. Espero que o presente estudo impulse novas abordagens nesse sentido, revelando o quão complexa uma obra, que parece superficialmente simples, pode se mostrar.

ABSTRACT

In the last century, Xenophon's works have undergone a series of revisions, among them those related to his views of Sparta. However, while the reassessment of his historical and philosophical writings revealed an extremely critical Xenophon of Spartan institutions and political conduct, Agesilau's encomiast genre kept him unexplored on this subject. The purpose of this study is to show that the encomium is not an exception to the rule, but that it also contains criticisms of Sparta amidst the content of the praises dedicated to Agesilau. This is done by contextualizing these praises among the *topoi* associated with Sparta and the Spartans during their hegemonic period, the same ones that have been denounced for years by Xenophon and other contemporary authors. It is argued that the Athenian not only protects Agesilau from these *topoi* but also distances him from them, characterizing him as someone who takes the opposite pole of the negative behaviours attributed to the Spartan *polis* and its citizens. In this way, it is possible not only to include Agesilau in the challenge of the idea that Xenophon was an uncritical laconophile, but also to see the encomium as something carefully thought out to achieve a goal only superficially simple: to compose a praise on one of the main responsible for the bad memories of the Spartan hegemony.

KEYWORDS

Xenophon; Agesilaus; Sparta; Hegemony.

REFERÊNCIAS

- AELIAN. **Historical Miscellany**. Tradução de N. G. Wilson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.
- ANDERSON, J. K. **Xenophon**. Londres: Duckworth, 1974.
- ARISTOTLE. **Art of Rhetoric**. Tradução de J. H. Freese. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926.
- _____. **Nicomachean Ethics**. Tradução de H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926.
- _____. **Politics**. Tradução de H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932.
- ASSUMPTÃO, L. F. B. de. Comparando Representações: O Agesilau de Xenofonte e o de Plutarco, **Calíope**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 38, p. 4-17, 2019.
- ATHENAEUS. **The Learned Banqueters**, Volume VIII: Book 15. General Indexes. Editado e Traduzido por S. Douglas Olson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012.
- AZOULAY, V. Sparte et la Cyropédie: Du Bon Usage de L'Analogie, **Ktêma**, Estrasburgo, v. 32, p. 433-56, 2007.
- _____. **Xenophon and the Graces of Power: A Greek Guide to Political Manipulation**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2018.
- BAYLISS, A. J. Using Few Words Wisely? “Laconic Swearing” and Spartan Duplicity. In: HODKINSON, S. (Ed.) **Sparta: Comparative Approaches**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009. p. 231-260.
- BEARZOT, C. The Notion of Violence (bia, hybris) in Xenophon’s Work. In: KAPPELLOS, A. (Ed.) **Xenophon on Violence**. Boston: De Gruyter, 2019. p. 11-23.
- BERNARDO, G. C. **Comandantes e Covardes: Honra e Mérito em Esparta**. São Paulo: Intermeios, 2021.
- BOCKISCH, G. **Ἀροσται**, **Klio**, Berlim, v. 46, p. 129-239, 1965.
- CAIRNS, D. L. **Aidōs: The Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature**. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- CAMPBELL, D. A. **Greek Lyric**, Volume III: Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others. Editado e Traduzido por David A. Campbell. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.
- CARTLEDGE, P. **Agesilaus and the Crisis of Sparta**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.
- CAWKWELL, G. L. Agesilaus and Sparta, **Classical Quarterly**, v. 26, n. 1, p. 62-84, 1976.

- CHRISTESEN, P. Xenophon's Views on Sparta. In: FLOWER, M. (Ed.). **The Cambridge Companion to Xenophon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 376-399.
- CHRISTIEN, J. L'Institution Spartiate des Navarques, **Historika**, Torino, v. 5, p. 321-352, 2015.
- CLOCHÉ, P. Les "Helléniques" de Xénophon (Livres III-VII) et Lacédémone, **Revue des Études Anciennes, Pessac**, v. 46, n. 1-2, p. 12-46, 1944.
- DELEBECQUE, E. **Essai sur la Vie de Xénophon**. Paris: Klincksieck, 1957.
- DILLERY, J. **Xenophon and the History of his Times**. Londres: Routledge, 1995.
- DORION, L.-A. The Straussian Exegesis of Xenophon: The Paradigmatic Case of Memorabilia IV 4. In: GRAY, V. J. (Ed.) **Xenophon**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 283-323.
- EDER, W. The Political Significance of the Codification of Law in Archaic Societies: An Unconventional Hypothesis. In: RAAFLAUB, K. (Ed.) **Social Struggles in Archaic Rome: New Perspectives on the Conflict of the Orders**. Malden: Blackwell Publishing, 2005. p. 239-267.
- FISHER, N. R. E. Sparta Re(de)valued: Some Athenian Public Attitudes to Sparta Between Leuctra and the Lamian War. In: POWELL, A.; HODKINSON, S. (Eds.). **The Shadow of Sparta**. Londres: Routledge: 1994. p. 191-217.
- FLOWER, M. A. **From Simonides to Isocrates: The fifth Century Origins of Fourth Century Panhellenism**, Classical Antiquity, Oakland, v. 19, p. 65-101, 2000.
- GREEN, P. The Metamorphosis of the Barbarian: Athenian Panhellenism in a Changing World. In: WALLACE, R.; HARRIS, E. (Eds.). **Transitions to Empire: Essays in Greco-Roman History, 360-146 BC in Honor of E. Badian**. Norman; Londres: University of Oklahoma Press, 1996. p. 5-36.
- HARMAN, R. **Viewing Sparta, Viewing Asia: Vision and Greek Identity in Xenophon**. 292 f. Tese (PhD em Clássicos) – University of Nottingham, Nottingham, 2009.
- HERODOTUS. **The Persian Wars**. Volume III: Books 5-7. Tradução de A. D. Godley. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1922.
- _____. **The Persian Wars**. Volume IV: Books 8-9. Tradução de A. D. Godley. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.
- HIGGINS, W. E. **Xenophon the Athenian: The Problem of the Individual and the Society of the Polis**. Nova York: State University of New York Press, 1977.
- HINDLEY, C. Eros and Military Command in Xenophon, **The Classical Quarterly**, Cambridge, v. 44, n. 2, p. 347-366, 1994.
- HIRSCH, S. **The Friendship of the Barbarians: Xenophon and the Persian Empire**. Hanover: University Press of New England, 1985.

HODKINSON, S. Warfare, Wealth, and the Crisis of Spartiate Society. In: RICH, J.; SHIPLEY, G. **War and Society in the Greek World**. Londres: Routledge, 1993. p. 146-176.

_____. **Property and Wealth in Classical Sparta**. Londres: Duckworth, 2000.

HORNBLOWER, S. Sticks, Stones, and Spartans: The Sociology of Spartan Violence. In: VAN WEES, H. (Ed.) **War and Violence in Ancient Greece**. Swansea: The Classical press of Wales, 2000. p. 57-82.

HUMBLE, N. **Xenophon's View of Sparta: A Study of the Anabasis, Hellenica and Respublica Lacedaemoniorum**. 292 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – McMaster University, Ontario, 1997.

_____. Sôphrosynê and the Spartans in Xenophon. In: HODKINSON, S.; POWELL, A. (Eds.) **Sparta: New Perspectives**. Londres: Duckworth, 1999. p. 339-353.

_____. Sôphrosynê Revisited: Was it Ever a Spartan Virtue? In: HODKINSON, S.; POWELL, A. (Eds.) **Sparta: Beyond the Mirage**. Londres: Duckworth, 2002. p. 85-109.

_____. True History: Xenophon's Agesilaos and the Economistic Genre. In: POWELL, A.; RICHER, N. (Eds.) **Xenophon and Sparta**. Swansea: Classical Press of Wales, 2020. p. 291-318.

ISOCRATES. **To Demonicus. To Nicocles. Nicocles or the Cyprians. Panegyricus. To Philip. Archidamus**. Tradução de George Norlin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1928.

_____. **On the Peace. Areopagiticus. Against the Sophists. Antidosis. Panathenaicus**. Tradução de George Norlin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1929.

_____. **Evagoras. Helen. Busiris. Plataicus. Concerning the Team of Horses. Trapeziticus. Against Callimachus. Aegineticus. Against Lochites. Against Euthynus. Letters**. Tradução de La Rue Van Hook. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1945.

JACOBY, F. **Die Fragmente der Griechischen Historiker**. Dritter Teil: Geschichte von Staedten und Voelkern (Horographie und Ethnographie). B: Autoren ueber Einzelne Staedte (Laender) Nr. 297-607. 3ª Edição. Leiden: Brill, 1993.

JOHNSON, D. M. Strauss on Xenophon. In: HOBDEN, F.; TUPLIN, C. (Ed.). **Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry**. Leiden e Boston: Brill, 2012. p. 123-159.

KAHN, C. H. **Plato and the Socratic Dialogue**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

KROEKER, R. J. **Politics and Personality: Characterization in Xenophon's Hellenica**. 356 f. Tese (Doutorado em Literatura Clássica) – Department of History and Classics, University of Alberta, Albertwa, 2002.

- LAFORSE, B. M. **Xenophon and the Historiography of Panhellenism**. 290 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – The University of Texas, Austin, 1997.
- _____. **Praising Agesilaus: the Limits of Panhellenic Rhetoric**, *Ancient History Bulletin*, Northfield, v. 27, p. 29-48, 2013.
- LEE, J. W. I. Xenophon and His Times. In: FLOWER, M. A. (Ed.) **The Cambridge Companion to Xenophon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 15-36.
- LEWIS, D. M. **Sparta and Persia**. Leiden: Brill, 1977.
- LIPKA, M. **Xenophon's Spartan Constitution: Introduction, Text, Commentary**. Berlin: Walter de Gruyter, 2002.
- LUCCIONI, J. **Les Idées Politiques et Sociales de Xénophon**. Paris: Ophrys, 1947.
- MILLENDER, E. Nomos Despotes: Spartan Obedience and Athenian Lawfulness in Fifth Century Greek Thought. In: ROBINSON, E.; GORMAN, V. (Eds.) **Oikistes: Studies in Constitutions, Colonies, and Military Power in the Ancient World Offered in Honor of A. J. Graham**. Leiden: Brill, 2002. p. 33-59.
- _____. Spartan “Friendship” and Xenophon’s Crafting of the Anabasis. In: HOBDEN, F.; TUPLIN, C. (Eds.) **Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry**. Leiden: Brill, 2012. p. 377-425.
- _____. Spartan State Terror: Violence, Humiliation, and the Reinforcement of Social Boundaries in Classical Sparta. In: HOWE, T.; BRICE, L. L. (Eds.) **Brill's Companion to Insurgency and Terrorism in the Ancient Mediterranean**. Leiden: Brill, 2016. p. 117-150.
- _____. Foxes at Home, Lions Abroad: Spartan Commanders in Xenophon's Anabasis. In: POWELL, A.; RICHER, N. (Eds.) **Xenophon and Sparta**. Swansea: Classical Press of Wales, 2020. p. 223-260.
- MINOR ATTIC ORATORS. **Lycurgus. Dinarchus. Demades. Hyperides**. Tradução de J. O. Burt. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954.
- MITCHELL, L. **Panhellenism and the Barbarian in Archaic and Classical Greece**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2007.
- NIEBUHR, B. G. Über Xenophons Hellenika, *Rheinisches Museum für Philologie, Geschichte und griechische Philosophie*, **Bad Orb**, v. 1, p. 194-198, 1827.
- NOETHLICS, K. L. Bestechung, Bestechlichkeit und die Rolle des Geldes in der spartanischen Außen und Innenpolitik vom 7.-2. Jh. v. Chr., **Historia**, Stuttgart, v. 36, n. 2, p. 129-170, 1987.
- PALLAZO, D. **L'Agésilao di Senofonte: Fra Encomio e Apologia**. 215 f. Tese (Doutorado em Filologia, Literatura e Tradição Clássica) – Università degli Studi di Milano, Milano, 2010-2011.

- PAUSANIAS. **Description of Greece**. Volume IV: Books 8.22-10 (Arcadia, Boeotia, Phocis and Ozolian Locri). Tradução de W. H. S. Jones. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.
- PERLMAN, S. Panhellenism, the Polis and Imperialism, **Zeitschrift für Alte Geschichte**, Stuttgart, v. 25, n. 1, p. 1-30, 1976.
- PLATO. **Timaeus. Critias. Cleitophon. Menexenus. Epistles**. Traduzido por R. G. Bury. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1929.
- PLUTARCH. **Lives**, Volume 2: Themistocles and Camillus. Aristides and Cato Major. Cimon and Lucullus. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.
- _____. **Lives**, Volume 4: Alcibiades and Coriolanus. Lysander and Sulla. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1916.
- _____. **Lives**. Volume 5: Agesilaus and Pompey. Pelopidas and Marcellus. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1917.
- _____. **Moralia**, Volume 3: Sayings of Kings and Commanders. Sayings of Romans. Sayings of Spartans. The Ancient Customs of the Spartans. Sayings of Spartan Women. Bravery of Women. Tradução de Frank Cole Babbitt. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931.
- PROIETTI, G. **Xenophon's Sparta**. Leiden: Brill, 1987.
- RANKIN, H. D. **Sophists, Socratics and Cynics**. Londres: Croom Helm, 1983.
- ROCCHI, G. D. La Présentation de Sparte par Xénophon dans les Helléniques, la République des Lacédémoniens et l'Agésilas, **Ktéma**, Estrasburgo, v. 32, p. 391-404, 2007.
- RUSSEL, B. **A History of Western Philosophy**. Londres: Allen & Unwin, 1946.
- SCHEPENS, G. À la Recherche d'Agésilas le Roi de Sparte dans le Jugement des Historiens du IVe Siècle av. J.-C., **Revue des Études Grecques**, Paris, v. 118, p. 31-78, 2005.
- SCHIEBER, A. S. Leotychidas in Thessaly, **L'Antiquité Classique**, Bruxelas, v. 51, p. 5-14, 1982.
- STRAUSS, L. The Spirit of Sparta and the Taste of Xenophon, **Social Research**, Baltimore, v. 6, p. 502-536, 1939.
- TATUM, J. **Xenophon's Imperial Fiction: On the Education of Cyrus**. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- TUPLIN, C. **The Failings of Empire: A Reading of Xenophon Hellenica 2.3.11-7.5.27**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.
- _____. Xenophon, Sparta and the Cyropoedia. In: POWELL, A.; HODKINSON, S. (Eds.) **The Shadow of Sparta**. Londres: Routledge: 1994. p. 127-181.

- VAN WEES, H. Luxury, Austerity and Equality in Sparta. In: POWELL, A. (Ed.) **A Companion to Sparta**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2018. p. 202-235.
- VLASTOS, G. Socrates, **Proceedings of the British Academy**, Londres, v. 74, p. 89-111, 1988.
- WESTLAKE, H. D. Spartan Intervention in Asia 400-397 B.C., **Historia**, Stuttgart, v. 35, n. 1, p. 405-426, 1986.
- XENOPHON. **Cyropaedia**. Volume I: Books 1-4. Tradução de Walter Miller. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914.
- _____. **Hellenica**. Volume I: Books 1-4. Traduzido por Carleton L. Brownson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918.
- _____. **Hellenica**. Volume II: Books 5-7. Traduzido por Carleton L. Brownson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1921.
- _____. **Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology**. Tradução de E. C. Marchant e O. J. Todd. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923.
- _____. **Scripta Minora**. Tradução de E. C. Marchant e G. W. Bowersock. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.
- _____. **Anabasis**. Traduzido por Carleton L. Brownson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

- ¹ E.g. RUSSELL, 1946, p. 102-103; RANKIN, 1983, p. 188-189.
- ² E.g. VLASTOS, 1988, p. 92; KAHN, 1996, p. 29-30, 87, especialmente 393-401.
- ³ Ver TUPLIN, 1993, p. 12-13.
- ⁴ Ver PROIETTI, 1987, p. xii-xxi.
- ⁵ Todas as datas relacionadas à Antiguidade mencionadas aqui são a.C., a menos que indicado.
- ⁶ A abordagem “laconocêntrica” de Giovanna Rocchi (2007, p. 392, 395).
- ⁷ A primeira magistratura corresponde ao comando de pequenos destacamentos militares, geralmente aquartelados em cidades como apoio a grupos políticos favoráveis a Esparta (ver BOCKISCH, 1965). A segunda magistratura corresponde ao comando da frota, com um mandato válido de um ano (ver CHRISTIEN, 2015).
- ⁸ XENOFONTE *Anábase* 5.3.7.
- ⁹ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 1.1. Todas as traduções citadas aqui são minhas.
- ¹⁰ Menciono aqui os únicos eventos dos quais se tem alguma certeza sobre a vida de Xenofonte. Detalhes mais “exatos” são baseados principalmente em fontes posteriores, como a *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio. Uma boa discussão sobre a validade de muitos desses detalhes pode ser encontrada em HUMBLE, 1997, capítulo 1, enquanto uma biografia bem equilibrada pode ser encontrada na obra de J. K. Anderson (1974) e uma mais condensada no capítulo de John W. I. Lee (2017).
- ¹¹ Ver HUMBLE, 1997, p. 19. Essa manipulação dos detalhes (que não possuímos), tendo em vista a composição da *persona* laconista de Xenofonte, fica bem clara no trabalho de Édouard Delebecque (1957). O “laconismo” de Xenofonte pode ser traçado até mesmo no comentário de Niehbur (1827) sobre suas *Helênicas*, que é tido como o início da discussão acadêmica sobre a obra.
- ¹² STRAUSS, 1939.
- ¹³ Ver DORION, 2010; JOHNSON, 2012.
- ¹⁴ Sobre as *Helênicas*, ver TUPLIN, 1993; sobre a *Anábase*, ver HUMBLE, 1997, capítulo 3; MILLENDER, 2020. Sobre a “ironia” contida na *Constituição dos Lacedemônios*, PROIETTI, 1987, capítulo 4 (ainda seguindo Strauss); HUMBLE, 1997, capítulo 5 para um tratamento mais equilibrado. Vale ainda mencionar a *Cirropédia*, em que Xenofonte pinta seu líder e sua respectiva sociedade ideal. Diferentemente do que se tendia a pensar, são poucos os elementos dessa pintura que seguem o exemplo de Esparta – o que também ajuda a perceber qual a opinião de Xenofonte sobre eles (ver TUPLIN, 1994; ver também AZOULAY, 2007).
- ¹⁵ E.g. HUMBLE, 1997, p. 2, 247-253; ROCCHI, 2007, p. 393; LAFORSE, 2013, p. 29; HUMBLE, 2020.
- ¹⁶ O pan-helenismo foi uma ideia posterior ao final das Guerras Persas de 480 e 479, segundo a qual os gregos deveriam se unir (ao invés de guerrear entre si) para combater uma ameaça mais séria a todos: os bárbaros. Essa ideia ganha força no séc. IV, quando os conflitos intestinos à Hélade causam mudanças súbitas e frequentes de hegemonias. Sobre o pan-helenismo ver PERLMAN, 1976; GREEN, 1996; FLOWER, 2000; MITCHELL, 2007. Sobre o pan-helenismo no *Agésilau*, ver DELEBECQUE, 1957, p. 460-461; DILLERY, 1995, capítulo 2; LAFORSE, 1997, capítulo 7; 2013; ROCCHI, 2007, p. 401, 402; HARMAN, 2009, capítulo 6; ASSUMPCÃO, 2019, p. 11.
- ¹⁷ E.g. SCHEPENS, 2005. Como afirma James Tatum (1989, p. 51) “O encômio é, por sua própria natureza, aliviado dos fardos que a história impõe igualmente sobre autor e objeto. Esse Agésilau pode ser o que Xenofonte quer que ele seja [...]”.
- ¹⁸ LUCCIONI, 1947, p. 192-200 *contra* LAFORSE, 2013, p. 46.

¹⁹ Ver CLOCHÉ, 1944; FISHER, 1994. Isso apesar de Xenofonte (*Agesilau* 1.3) mencionar a “boa reputação” gozada por Esparta na época de sua composição do encômio.

²⁰ Tais lugares-comuns não condicionam, necessariamente, estereótipos inflexíveis – o próprio Xenofonte caracteriza cada espartano individualmente, com pontos positivos e negativos próprios (cf. KROEKER, 2002, p. 339-342). Entretanto, ainda assim, é possível ver vários pontos em comum nessas caracterizações (HUMBLE, 1997, p. 236-240). São esses pontos os de interesse ao presente estudo.

²¹ XENOFONTE *Agesilau* 10.1.

²² ARISTÓTELES *Retórica* 1.1367b26-31.

²³ Platão (*Menexeno* 237a) até afirma que a criação (*trophēn*) e a educação (*paideian*) fazem parte da “ordem natural” (*kata physin*) do encômio (cf. 238c). Ver também ISÓCRATES 9.22. O próprio Xenofonte, ao compor o retrato de seu líder ideal na *Ciropédia*, dá um espaço considerável à educação de Ciro (1.3.1-5.1).

²⁴ XENOFONTE *Agesilau* 1.2.

²⁵ PALAZZO, 2012, p. 12-15.

²⁶ PLUTARCO *Agesilau* 1.3. Há bons motivos para crer que ela já estava em atividade no Período Clássico, ainda que não exista nenhuma prova clara disso (ver CARTLEGDE, 1987, p. 25).

²⁷ XENOFONTE *Agesilau* 1.5.

²⁸ XENOFONTE *Helênicas* 3.3.1-3. Cf. HUMBLE, 1997, p. 252-253.

²⁹ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 1.1-2.

³⁰ A afirmação mais precisa possível sobre a datação da *Constituição dos Lacedemônios* é que ela tem *terminus post quem* posterior a c. 400 (quando se diz ali que os gregos se organizam em alianças contrárias a Esparta, cf. 14.6), mas ela, definitivamente, é anterior à perda da hegemonia espartana (cf. HUMBLE, 1997, p. 42-44; LIPKA, 2002, p. 9-13). As pistas para isso estão no capítulo 14, o único que dá indícios cronológicos, em que ainda se menciona a atuação de harmostas (comandantes de guarnição em cidades aliadas). Xenofonte (*Helênicas* 6.4.1-2) afirma que esses foram retirados de seus postos em 371, antes da derrota espartana em Leuctra. Quanto à datação do *Agesilau*, o próprio texto (10.4) dá indícios de que tenha sido composto após a morte do rei em 361/0 (ver TUPLIN, 1993, p. 203 n. 5).

³¹ Isso fica claro no contraste entre o apoio recebido no começo da Guerra do Peloponeso (TUCÍDIDES 2.8.4) e as acusações de Isócrates (4.110, 117, 126, 8.96-103; 12.54, 104, 225-228) no decorrer do séc. IV. Ver mais abaixo no item 4.

³² PLUTARCO *Agesilau* 1-2.1.

³³ Avaliação semelhante à expressa por Aristóteles (*Pol.* 8.1337a11-b38, 2.1271a41-b10, 7.1333b5-1334b5) posteriormente.

³⁴ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 2.2.

³⁵ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 2.10.

³⁶ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 3.3 para a adolescência; 7.6, 8.1-4, 9 para a idade adulta. Essa obediência às leis parece ter sido um *topos* relacionado aos espartanos ao menos desde o séc. V (HERÓDOTO. 7.104.4, 228.2; ver também ISÓCRATES 11.18; ARISTÓTELES *Ética a Nicômaco* 1.1102a7-12).

³⁷ HUMBLE, 1997, p. 195-202, 204-205.

³⁸ Cf. CAIRNS, 1993, p. 3. Ver XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 1.5; 2.2, 10, 14; 3.4-5.

³⁹ XENOFONTE *Ciropédia* 1.2.6. Cf. TUPLIN, 1994, p. 157.

⁴⁰ XENOFONTE *Ciropédia* 1.2.6-8.

⁴¹ Sobre a ausência da *sophrosyne* na educação e na conduta espartana, ver HUMBLE, 2002; 2009, p. 339-344, 346; CHRISTESEN, 2017, p. 389-391 sob o ponto de vista de Xenofonte, mais especificamente.

⁴² HIGGINS, 1977, p. 70-71.

⁴³ Simon Hornblower (2000) liga esse *topos* a um reflexo do tratamento brutal que os espartanos davam aos hilotas, seus escravos. Num nível sociológico, como o defendido por Hornblower, creio que tal fator possa ter contribuído, de fato, para eventuais ações violentas de espartanos no exterior. Por outro lado, não creio que isso compusesse, na Antiguidade, uma parte significativa do *topos* do comandante espartano violento, dada a falta de referências a essa relação de causa e consequência – motivo pelo qual não a discuto aqui. O *topos* do espartano violento permanece nas fontes até Plutarco (*Aristides* 23.1-3; *Lisandro* 15.5; *Temístocles* 11.2-3), pelo menos. Sobre Xenofonte e o mau uso da violência como método de conquista de obediência, ver BEARZOT, 2019.

⁴⁴ TUCÍDIDES 1.94.1-96.1, 130.1-131.1.

⁴⁵ TUCÍDIDES 3.93.2.

⁴⁶ TUCÍDIDES 4.130.3-4.

⁴⁷ TUCÍDIDES 8.83.3-84.3.

⁴⁸ XENOFONTE *Anábase* 2.5.2-4.

⁴⁹ XENOFONTE *Anábase* 2.6.10. Essa afirmação é semelhante à de Heródoto (7.104.4), na qual Demarato afirma que os espartanos temiam a lei e seu senhor (*despotes*). Talvez essa relação seja intencional, demonstrando o que de Esparta ainda havia em Clearco, que manteve o modelo de obediência espartano em seu método de comando.

⁵⁰ XENOFONTE *Anábase* 2.6.12, 14.

⁵¹ XENOFONTE *Anábase* 2.3.11; 1.3.1-2; 1.5.11-17.

⁵² XENOFONTE *Anábase* 4.6.2.

⁵³ Ver XENOFONTE *Helênicas* 5.1.13 (Eteônico em 389); 6.2.15, 19 (Mnásipo em 373).

⁵⁴ Cf. HUMBLE, 1997, p. 78; CHRISTESEN, 2017, p. 387-389.

⁵⁵ XENOFONTE *Agesilau* 1.10-13; 3.2-5. Vale notar, entretanto, uma passagem em que Xenofonte (*Agesilau* 2.13) descreve como Agesilau deixou que inimigos sobreviventes da Batalha de Coroneia, refugiados no templo do monte Helicon, partissem sem ser molestados. Uma vez que parte dos sobreviventes era argiva (2.11), tal episódio se torna semelhante à fuga dos argivos sobreviventes da Batalha de Sepeia, em 494, combatida contra os espartanos do então rei Cleômenes. Heródoto (6.78.2-80) afirma que os argivos se refugiaram no templo de Argeo, e que Cleômenes atraiu para fora os que conseguiu apenas para assassiná-los. Os que permaneceram foram queimados vivos junto com o bosque do santuário (cf. 6.75.3). Talvez essa atitude de Agesilau em Coroneia também pretendesse afastá-lo do exemplo de Cleombroto, outro rei espartano que se deparou com uma situação semelhante.

⁵⁶ XENOFONTE *Agesilau* 2.8, 5.3, 6.6-8 (sobre a inspiração); 5.2 (sobre a *kerteria*).

⁵⁷ Cf. BAYLISS, 2009, p. 232-235; com uma quase exceção em Cleáridas (TUCÍDIDES 5.21). Plutarco (*Moralia* 223b) registra uma fala de Lisandro na qual ele diz que “as crianças se deve enganar com dados, os homens com juramentos”. Entretanto, além de ser impreciso se esse ditado era, de fato, ligado a Lisandro nos séc. V e IV, o mesmo dizer ainda é atribuído por Plutarco (*Moralia* 330f) a Dionísio da Sicília e por Eliano (*Varia Historia* 7.12) a Filipe II da Macedônia.

⁵⁸ XENOFONTE *Helênicas* 5.1.13-18.

⁵⁹ XENOFONTE *Agesilau* 6.4-5, cf. 11.12.

⁶⁰ XENOFONTE *Agesilau* 1.20-22.

⁶¹ LaForse (2013, p. 36-37) afirma que essa gentileza tem o objetivo de contrastar o comportamento de Agesilau com a crueldade esperada do Grande Rei. Entretanto, Xenofonte não dá indícios de que um tratamento oposto ao do rei espartano fosse o esperado dos persas. Além disso, as passagens

mencionadas pelo autor como exemplificação dessa expectativa (*Anábasis* 1.9.13; 7.4.23-24) falam de punições contra criminosos e vingança por enganação (proposta por Seutes, um rei trácio), respectivamente. Ou seja, não falam do tratamento dedicado a cidades aliadas/conquistadas e aos prisioneiros de guerra, fosse do Grande Rei ou de seus sátrapas.

⁶² TUCÍDIDES 3.32.1-3.

⁶³ XENOFONTE *Agesilau* 1.35, 38.

⁶⁴ TUCÍDIDES 1.77.6.

⁶⁵ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 14.2-4.

⁶⁶ XENOFONTE *Helênicas* 4.3.2.

⁶⁷ TUCÍDIDES 1.128.2-129.3.

⁶⁸ TUCÍDIDES 1.130. Ver HERÓDOTO 9.82 sobre a mesa persa.

⁶⁹ XENOFONTE *Helênicas* 4.8.18.

⁷⁰ Aqui, o termo geralmente interpretado por “laconófilo” é *lakonizōn*. Clifford Hindley (1994, p. 351-361) argumenta, convincentemente, que esse termo, na verdade, corresponde a uma expressão idiomática que se refere à relação sexual entre dois homens. Isso explica, portanto, o motivo de o sucessor de Tibron, Dífridas, ser comparado positivamente em relação ao seu antecessor como tendo mais autocontrole (*enkratōn*) em relação aos “prazeres do corpo” (XENOFONTE *Helênicas* 4.8.22).

⁷¹ XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 14.4.

⁷² Obediência às leis de Esparta: 1.4, 1.36, 2.16, 6.4; estilo de vida simples: 5.2, 5.6-7, 8.6-8, 9.3, 11.1; acessibilidade: 8.1-2; temperança: 5.1, 5.4-6 (sobre seu autocontrole em relação aos “prazeres do corpo”); cuidado militar: 6.6-7.

⁷³ E.g. TUCÍDIDES. 1.6.4; 1.10.2; XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 7.3-4; ARISTÓTELES *Política* 4.1294b26-29.

⁷⁴ Cf. AZOULAY, 2018, p. 112-113, 145; VAN WEES, 2018, p. 213-227. Ver Xenofonte *Simpósio* 3.9 sobre a pobreza como meio de afastar conflitos derivados da inveja; EDER, 2005, p. 256-257 sobre o uso de leis suntuárias para homogeneizar grupos aristocráticos.

⁷⁵ XENOFONTE *Agesilau* 8.8.

⁷⁶ HODKINSON, 2000, p. 26.

⁷⁷ Cf. XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 7. Ver também HODKINSON, 2000, capítulos 7 e 8.

⁷⁸ Ver HODKINSON, 2000, capítulos 9 e 10.

⁷⁹ BERNARDO, inédito. Ver também NOETHLICS, 1987; HODKINSON, 1993, p. 151-152 sobre as oportunidades de ganho e emprego do dinheiro conseguido no exterior.

⁸⁰ HERÓDOTO 6.73. Sobre a datação da campanha de Leotíquidas, ver SCHIEBER, 1982.

⁸¹ TUCÍDIDES 2.21.1

⁸² XENOFONTE *Helênicas* 1.1.32.

⁸³ TIMEU FGRH 566 F 100b.

⁸⁴ TUCÍDIDES 8.83.3.

⁸⁵ XENOFONTE *Anábasis* 7.1.2; 7.2.4, 7-8.

⁸⁶ XENOFONTE *Helênicas* 5.4.20.

⁸⁷ XENOFONTE *Agesilau* 1.36; 4; 8.8; 11.3.

⁸⁸ XENOFONTE *Agesilau* 4.6.

⁸⁹ E.g. XENOFONTE *Agesilau* 1.17-19.

⁹⁰ LAFORSE, 2013, p. 32-33, 39.

⁹¹ XENOFONTE *Agesilau* 2.9-16 sobre a Batalha de Coroneia; 1.17-20, 22 sobre outras expedições de saque; 2.21 sobre ações contra Corinto, Tebas e Fliunte.

⁹² XENOFONTE *Agesilau* 2.23.

- ⁹³É provável que Xenofonte estivesse se referindo, no que diz respeito às ações contra Corinto e Tebas, àquelas conduzidas em 387, que deram o empurrão final para que essas cidades assinassem a Paz de Antálcidas – e não para restaurar exilados apenas (ver XENOFONTE *Helênicas* 5.1.32-34). Quanto à Flunte, Xenofonte provavelmente se refere a uma crise que descreve como iniciada de fato pelas requisições de auxílio por exilados, feitas em 381 (XENOFONTE *Helênicas* 5.3.10). Ainda assim, o sítio, conduzido por Agesilau por cerca de dois anos, era malvisto inclusive por alguns dos próprios espartanos (XENOFONTE *Helênicas* 5.3.16). Ver CARLEDGE, 1987, p. 198; TUPLIN, 1993, p. 84, 92; MILLENDER, 2012, p. 12-15.
- ⁹⁴XENOFONTE *Helênicas* 3.2.21-23.
- ⁹⁵XENOFONTE *Helênicas* 3.2.26.
- ⁹⁶XENOFONTE *Helênicas* 3.5.5 sobre a guerra contra Tebas; 5.1.25-35 sobre a “Paz do Rei”.
- ⁹⁷XENOFONTE *Helênicas* 5.1.31, 36.
- ⁹⁸XENOFONTE *Helênicas* 5.1.36-2.7.
- ⁹⁹XENOFONTE *Helênicas* 5.2.24-36.
- ¹⁰⁰XENOFONTE *Helênicas* 5.4.20-35.
- ¹⁰¹E.g. XENOFONTE *Helênicas* 3.5.10-13 (mensagem tebana aos atenienses em 395), 6.3.7-9 (discurso do ateniense Autocles aos espartanos em 371), 6.4.15 (sobre o desânimo dos aliados depois da derrota em Leuctra), 6.4.24 (discurso de Jasão de Feras aos espartanos em 371). Esses exemplos se adequam ao descrito em XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 14.5-6.
- ¹⁰²E.g. ISÓCRATES 4.103-105, 110-117, 126, 8.95-103; 11.19; 12.225-228.
- ¹⁰³XENOFONTE *Helênicas* 2.2.6-2.11 para Lisandro e o final da Guerra do Peloponeso; 4.8.16, 5.1.25-28 para Antálcidas e o final da Guerra Coríntia; 5.1.31 para os termos da “Paz do Rei”.
- ¹⁰⁴E.g. TUCÍDIDES 1.95.5, 131.1 (com LICURGO 128); 8.17, 37 (tratado com Tissafernes em 411); XENOFONTE *Anábase* 7.2.4; *Helênicas*. 1.6.7; ISÓCRATES 4.85, 117, 122, 128, 131, 175; 12.59, 106-107. cf. LEWIS, 1977, p. 108-109; CARLEDGE, 1987, p. 187-202; MILLENDER, 2012, p. 408-412; 2020, p. 232, 238, 243, 244-245.
- ¹⁰⁵XENOFONTE *Agesilau* 1.6-8, 36.
- ¹⁰⁶XENOFONTE *Helênicas* 3.4.1-2.
- ¹⁰⁷E.g. XENOFONTE *Agesilau* 1.13, 34. Ver LAFORSE, 2013, p. 34-36. Dillery (1995, p. 115) afirma que 1.34 é um elogio a Esparta por suas ações na Ásia, mas em nenhum momento Xenofonte menciona a *pólis* – o crédito é, exclusivamente, de Agesilau. HIRSCH, 1985, capítulo 3, argumenta que Agesilau era visto como um “filoperna” e que o *Agesilau* pretendia mostrar o oposto disso. Creio que exista alguma verdade nessa afirmação, mas que o encômio não se trata *apenas* disso.
- ¹⁰⁸XENOFONTE *Agesilau* 1.37; 2.28-31; 7.4, 6; 8.3-4.
- ¹⁰⁹XENOFONTE *Agesilau* 1.28; 7.5, 7; 8.5; 9.5.
- ¹¹⁰XENOFONTE *Agesilau* 2.28-29.
- ¹¹¹LAFORSE, 2013, p. 30-31, 45-46. Sobre o pan-helenismo e o *Agesilau*, ver n. 16.
- ¹¹²XENOFONTE *Agesilau* 8.6; 9.1-5.
- ¹¹³LaForse (2013, p. 44, 45) nota que a maior parte da hostilidade do *Agesilau* é dedicada ao Grande Rei em específico, não aos bárbaros como um todo. Assim, o pan-helenismo de Agesilau não requer hostilidade a *todos* os bárbaros, mas apenas ao Grande Rei – e, por tabela, aos persas.